



RODRIGO FONSECA

Especial para o Correio da Manhã

Tratado com azedume em Cannes (onde ganhou a Palma de Ouro de 2018 com “Assunto de Família”) por conta da má acolhida a “Sheep In The Box”, exibido lá em maio, Hirokazu Koreeda teve tempo de finalizar um segundo filme para Veneza – segundo festival que mais gosta dele, depois da Croisette – e entrou na briga pelo Leão de Ouro com “Look Back”. Passou pelo Lido no domingo passado. O resultado, aos olhos de quem conferiu: um mar de lágrimas.

“Nunca vi tanta gente chorando ao fim da sessão”, disse o crítico e apresentador Gustavo Valente, autor do livro “Momento Crítico” (e resenhista do canal online homônimo), que cobre o evento para o site luso C7nema.net. “Ele não sai de Veneza sem prêmios.

Fala-se de Koreeda por todo canto da maratona cinéfila italiana. E a fala carrega um status de favoritismo. Seu nome virou um ímã de troféus na boca da imprensa.

Chamado no original de “Rukku Bakku”, o longa é uma adaptação do mangá homônimo de Tatsuki Fujimoto, autor conhecido mundialmente por “Chainsaw Man”, e acompanha a relação de duas jovens que encontram no desenho um caminho para a amizade e para a descoberta de suas vocações artísticas. Tornam-se autoras de HQs no Japão natal de Koreeda, onde tal mídia se chama mangá.



‘Look Back’ nasceu de uma HQ cultuada e virou um dos dos favoritos a prêmios em Veneza

Balõeszinhos de Koreeda

Ao transformar um mangá popular em filme, o ganhador da Palma de Ouro de 2018 pode ter mais uma vitória no currículo, agora em Veneza, na caça pelo Leão dourado com ‘Look Back’

A trama acompanha os passos de Fujino, estudante reconhecida na escola pelas ilustrações serializadas que produz. Sua segurança é abalada quando ela conhece o traço de Kyomoto, colega que não frequenta as aulas e vive praticamente isolada. Inicialmente movida pela

vontade de superar aquela que enxerga como uma rival, Fujino passa a estudar intensamente e a aprimorar sua técnica, afastando-se do convívio social e familiar.

A relação entre as duas estudantes muda quando um professor pede a Fujino que entregue um

diploma a Kyomoto. O encontro transforma a rivalidade imaginada em amizade e leva as jovens a trabalharem juntas na criação de mangás.

“Minha aposta nas angústias universais do dia a dia fez com que eu acabasse sendo rotulado como

diretor de folhetins, porque passei anos tentando pensar as inquietações afetivas pelo prisma familiar, porém, mesmo nesse terreno do folhetim, eu abordo questões sociais, numa mirada geopolítica”, diz o cineasta de 64 anos, que esteve na Mostra de São Paulo em 2007. “Já dirigi thrillers antes, como ‘O Terceiro Assassinato’. Porém, mesmo em outros registros, minha abordagem passa por um olhar sociológico. Foi assim que aprendi a fazer cinema: apostando na empatia, observando”.

O 83º Festival de Veneza termina neste sábado, na sexta será exibida, em concurso, o último dos competidores pelo Leão, que tem DNA brasileiro: “Retorno A Buenos Aires”, produção com a Itália, dirigida pelo chileno Marco Bechis. Rodado parcialmente em Porto Alegre, o longa revê o saldo das ditaduras sul-americanas, das quais seu realizador, hoje septuagenário, foi alvo.

Ligações perigosas com a consagração

Um dos enigmas mais indecifráveis do cinema é a ausência de um Oscar no currículo de John Malkovich. Essa esfinge pode cair por terra depois do Festival de Veneza. Um dos competidores mais aclamados desta edição (de número 83) leva o astro ao Chile de 1973, o ano do golpe que derrubou o sonho de Salvador Allende: “Cavalo Selvagem Nove” (“Wild Horse Nine”).

Seu realizador, o dramaturgo e cineasta Martin McDonagh (de “Três Anúncios Para Um Crime”), não é hermano, e, sim, um inglês nascido em Londres, mas Malkovich (numa interpretação forjada para lhe valer um Oscar), vive uma fase de investigação das cicatrizes governamentais do Chile. Nosso vizinho de continente é tema de peças recentes que o ator tem feito pelo



Diego Araya Corvalán/Searchlight Pictures

John Malkovich flerta com o Oscar em ‘Wild Horse Nine’

mundo, inclusive no Teatro Municipal, onde encenou “The Infamous Ramirez Hoffman”.

No longa de McDonagh, cujo roteiro satiriza o intervencionismo da CIA no globo terrestre, o bom e velho Valmont de “Ligações Pe-

rigosas” (1988), hoje com 72 anos, vive Chris Carlisle, agente já cansado de guerras (e de suas feridas) que vislumbra horizontes fardados a marchar pelo Novo Mundo, numa viagem à Ilha de Páscoa com seu parceiro Lee (Sam Rockwell, divo

do diretor). A trama vem sendo descrita como comédia crepuscular.

A melhor pedida para esta terça na competição de Veneza é “Company”, novo exercício do ator Casey Affleck na direção, com marca a volta de Nick Nolte

a um posto de protagonismo. Sua trama se passa em uma noite de inverno de 1975, quando uma mulher misteriosa chamada Evelyn chega sem ser convidada a uma festa de fim de ano e conta a história de Tom (Nolte), um eremita idoso que resgata uma atriz perdida durante uma nevasca no Colorado, em 1953. Para passar a noite, a atriz relata uma história mais antiga sobre um casal de fazendeiros que acolhe um jovem vagabundo em apuros, enquanto uma série de assassinatos horríveis espalha o medo pela fronteira. À medida que as histórias se entrelaçam ao longo das gerações, Affleck ensina forjar uma reflexão sobre o luto, a vingança, o perdão e compaixão capazes de curar até mesmo os machucados mais profundos. (R. F.)